

## Consumo empaca em R\$4,8 tri, mas cresce nos Estados menos desiguais

**Conjuntura** Centro-Oeste e Sul, já com renda maior, saem na frente e crescem dois dígitos no ano; início da queda juros pode melhorar projeções

# Brasil beira R\$ 5 tri em consumo e reforça desigualdade regional

Adriana Mattos  
De São Paulo

O potencial de consumo da população, que envolve todo o dinheiro em circulação para gastos, volta a patinar depois da breve recuperação no início da pandemia. Na faixa de quase R\$ 4,8 trilhões anuais, o total registra queda real — descontada a inflação — e ainda sente peso da manutenção dos juros altos na economia, que reduziu o poder de compra.

Economistas e consultorias acreditam que o movimento de redução na taxa básica (Selic) após agosto e o ambiente de inflação mais controlado a partir do segundo semestre tendem a aumentar o potencial de renda a ser convertida em consumo, mas ainda haverá desigualdades nesse processo, e ele será lento.

"Crescimento econômico não garante distribuição de renda e ampla consumo, o que garante a qualificação de mão de obra", resume Fábio Bentes, economista da CNC, a confederação nacional do comércio, serviços e turismo.

Um conjunto de dados de diferentes pesquisas realizadas após a divulgação, em junho, do Censo Demográfico do IBGE, mostra que mais da metade dos dez Estados com as estimativas menos otimistas para o potencial de consumo neste ano são aqueles com os maiores níveis de desigualdade de renda, como Amapá, Amazonas, Rio Grande do Norte e Pará.

A conclusão faz parte de levantamento realizado ao Valor pela Geofusion, empresa de coleta e análise de dados, que atende clientes do varejo e da indústria, cruzando com informações sobre distribuição do rendimento do IBGE, publicadas em maio.

"Quando olhamos os dados, os Estados com as melhores projeções para 2023 estão no Centro-Oeste e Sul, que dizemos que são locais que 'vão mexer e pontuar'. Como são fortes na agropecuária, ainda registram baixo emprego de mão de obra, e há uma circulação de recursos para gastos concentrada nas mãos de poucos", afirma Isabela Albuquerque, gerente de produto de dados da Geofusion. A explicação para isso é que a renda se espalha menos e em ritmo me-

nor que nas regiões que têm mão de obra concentrada em atividades que empregam mais gente, como comércio, serviços e indústria. Apesar de ter ocorrido um aumento no ritmo de geração de vagas na região central do país, entre 2019 e 2023, pelos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad), o agror não é um grande gerador de empregos diretos. Do total de ocupados em março na região, 88 estavam no setor da agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura.

É o contrário do que ocorre em São Paulo e no Rio de Janeiro, com serviços e comércio fortes, que até geram vagas e 'espalham' mais a renda, mas que registram projeções de crescimento bem menores", diz ela. Para os dois Estados a estimativa da Geofusion é de alta de 2,57% e 0,25%, nominais, respectivamente, em 2023. Já Mato Grosso aparece com 11,94%, Paraná, 8,79%, e Goiás, 6,19% (ver quadro abaixo).

Trata-se de comparações de desempenho em mercados de consumo mais maduros, caso do Sudeste, ou em taxas de crescimento já elevadas nos últimos anos, caso do Centro-Oeste. É uma alta sobre bases mais fortes de comparação.

Por potencial de consumo, a Geofusion mede o quanto de dinheiro disponível é gasto pela população em determinada região, ou seja, são os valores que circulam por ano nas áreas analisadas.

Ao se cruzar o mapa da estimativa de expansão do potencial de consumo por Estado com o ranking do coeficiente Gini de 2022, do IBGE, entre as dez maiores taxas de crescimento no consumo, cinco são Estados "ricos", com baixo nível de desigualdade econômica.

Nesse grupo, estão, nessa ordem: Santa Catarina, Mato Grosso, Paraná, Mato Grosso do Sul e Goiás. O índice de Gini avalia a dis-

tribuição das riquezas de um determinado lugar, numa escala entre 0 e 1. Quanto mais perto de zero, menor a desigualdade.

Entre os dez Estados analisados com menores estimativas de aumento no potencial de consumo, dezesseis registram os piores índices de desigualdade e concentração de renda: Amapá, Rondônia, Amazonas, Pará, Acre, Tocantins e Roraima.

"Se olharmos a receita nominal do comércio de 2011 a 2021, Estados do Nordeste, Norte e o Rio de Janeiro estão abaixo da expansão média, e os dados são muito aderentes ao material da Bain & Company e às pesquisas de potencial de consumo", diz Bentes, da CNC.

Para o economista, há alguns sinais de maior descentralização econômica, como a expansão de Santa Catarina. Ele cita também o Espírito Santo. "São regiões, do ponto de vista fiscal, com melhor qualidade das contas públicas, e com desenvolvimento de novas atividades", diz.

Para Bentes, o aumento da digitalização do varejo, com redes espalhando suas estruturas de entrega pelo país, ajuda a democratizar o consumo. A reforma tributária, que desloca a cobrança do imposto da origem para o destino, também deve favorecer mais Estados fora do Sudeste no médio prazo. "Mas ainda dependemos de uma melhora desse cenário de investimentos em mão de obra qualificada e de crescimento econômico geral, que é o que gera ganho mesmo no longo prazo".

A Geofusion se baseou nas informações da Pnad, na Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) e em indicadores setoriais da FGV. Também usou a base de transações da Mastercard, que cobre 60% das operações por cartão no país, e o cadastro de dados da Receita Federal da Big Data Corp, que captura informações de 1,5 bilhão de sites e bancos de dados públicos.

Além da inflação, que afeta o poder de compra e limita o ganho real, há o impacto da desaceração no ritmo de expansão da população e do efeito do aumento no total de domicílios particulares vagos no potencial de consumo de certas regiões. Ambos os dados foram publicados em junho no Censo do IBGE, afirma Marcos Pazzini, responsável pelo IPC Maps, outro indicador de potencial de consumo, da IPC Marketing Editora.

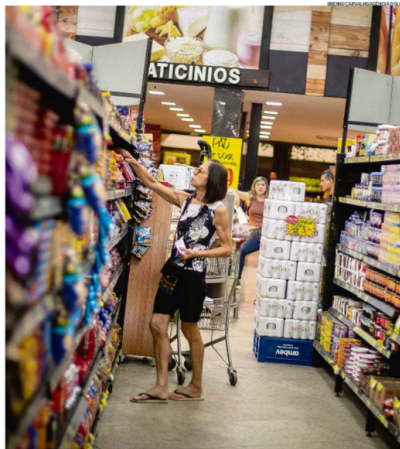
O número de casas vagas no Brasil subiu 87% entre 2010 e 2022, chegando a 117 milhões, o que leva a uma queda na circulação de consumidores nos locais afetados.

Os três municípios com maior percentual de domicílios vagos, segundo o IBGE, são nordestinos: São João do Jaguaribe, no Ceará; Canavieira, no Piauí; e Bom Sucesso, na Paraíba.

"Hoje um esvaziamento recente de certas cidades, e nós ainda estamos estudando esse movimento. Pode ter sido migração definitiva de pessoas na pandemia, após a crise, e que foram motor em outros municípios, buscando melhores condições de aluguel ou renda. E isso tem impacto no potencial de consumo", diz Pazzini.

Segundo pesquisa da IPC Maps publicada em junho, o potencial de consumo no Brasil poderá chegar a R\$ 6,7 trilhões em 2023, aumento real de 1,5% ante a 2022. No ano passado a alta foi de 4,3%. Em levantamento diferente do da Geofusion, que em 2022 apurou potencial de R\$ 4,77 trilhões, praticamente estável sobre 2021. Descontada a inflação (IPC), há queda de 5,31%, calcula o Valor Data.

Para 2023, a companhia iniciou o levantamento de estimativas iniciais por Estado, mas ainda não concluiu o relatório nacional. Nessa conta das consultorias es-



Consumidores em supermercado do Rio: Centro-Oeste tem distribuição de renda mais lenta e concentrada

pecializadas, também há o impacto do custo financeiro da taxa de juros na renda. Apesar do ambiente de taxa básica em queda após agosto, os efeitos para o consumidor serão vistos após o fim de 2023 e início de 2024, dizem os consultores. A manutenção dos juros em alto patamar desde o fim de 2021 comprometeu a renda atual das famílias.

Para a gerente da Geofusion, o ritmo de crescimento da população abaixo do projetado (203 milhões de pessoas, inferior aos

213 milhões previstos), somado a outros fatores, impacta nas projeções de consumo, e afeta planos de investimentos das empresas. Indústrias e redes de varejo contratam consultorias e compram relatórios de empresas de dados para a definição de estratégias de investimentos futuros por região.

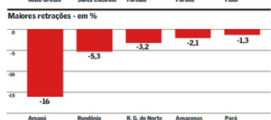
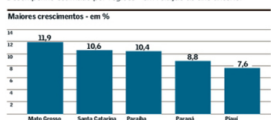
O atual cenário de demanda ainda em recuperação vem obrigando as empresas a segmentar ainda mais estratégias de lançamentos e de vendas.

Para Ana Paula Tozzi, CEO da AGR Consultores, apesar da expansão forte no centro-sul, as companhias não vêm alocando recursos majoritariamente nessas duas regiões, por causa do volume e da escala gerados em vendas no Sudeste e Nordeste. "Não dá para jogar todas as fichas lá, pela força das classes médias nos outros mercados, e até porque esses consumidores, especialmente do Centro-Oeste, migram para São Paulo e Rio para consumir fortemente nessas regiões."

**"O que garante crescimento é qualificação de mão de obra"**  
Fábio Bentes

### Projeção de potencial de consumo em 2023

Dinheiro disponível por regiões - em relação ao ano anterior



Variação: 0,69% (5/2019), -4,26% (5/2020), 15,56% (5/2021), 0,06% (5/2022)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Brasil Caderno: A Pagina: 3